

Entrevista com Heitor Pagliaro: conquistas e desafios nos 10 anos da *Revista Inquietude*

Por Artur Neves¹

Neste ano de 2020 a revista dos estudantes de filosofia da Universidade Federal de Goiás, *Inquietude*, completou seus 10 anos de atividades constantes com a publicação de diversos artigos de pesquisadores e pesquisadoras dos mais diversos níveis de formação, que vão desde a graduação até o doutorado.

Nestes dez anos, a *Revista Inquietude* passou por diversas transformações e modificações. Na presente entrevista, buscaremos relatar aos senhores leitores um pouco da história e dos desafios enfrentados, assim como a importância de periódicos administrados por estudantes, também sobre as expectativas e os desafios que aguardam a *Revista Inquietude* no cenário nacional. Visando resgatar um pouco das entrelinhas da história envolvida nesses dez anos e um pouco dos bastidores editoriais, nosso entrevistado será Heitor Pagliaro, membro do corpo editorial da revista quase desde a sua fundação, e que atualmente exerce a função de editor executivo na revista.

Arthur: Heitor, é um prazer entrevistá-lo. Para começar, você poderia, por gentileza, dizer-nos um pouco mais sobre quem é e qual sua relação com a *Revista Inquietude*?

Heitor: É uma satisfação poder conversar sobre a revista e contar um pouco de sua história de dez anos. Atualmente eu trabalho como professor da UFG, onde estou como vice-coordenador do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Direitos Humanos e desenvolvo pesquisas na área de filosofia política.

Minha primeira relação com a *Inquietude* foi como admirador, quando (em 2011) comecei o curso de mestrado em Filosofia na UFG. A revista, para nós mestrandos, era

¹ Mestrando em Filosofia pela Universidade Federal de Goiás (UFG).

E-mail: nevesartur2015@gmail.com.

CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6119000061205719>.

motivo de orgulho, especialmente por ser administrada por estudantes, o que era algo ousado academicamente. A segunda relação foi como autor, quando eu submeti um texto para a *Inquietude*, no mesmo ano, em 2011, que veio a ser publicado no ano sucessivo sob o título *Convencionalismo e Naturalismo em Rousseau*. Lembro-me que foi uma grande alegria, pois embora não tenha sido o primeiro artigo na carreira, foi o primeiro durante o mestrado. E também porque a *Inquietude* era um projeto editorial no qual eu acreditava. Não passava pela minha cabeça trabalhar na revista, isso parecia ser algo distante, mas a terceira relação com a revista foi a de editor, quando em 2012 abriram um edital para seleção de mestrados para trabalhar no periódico. Lembro de dizer na entrevista que eu não tinha nenhum conhecimento de editoração científica, mas que gostava muito de trabalhar e aprender. Foi então que entrei na equipe, há nove anos.

Durante esses anos eu aprendi, pouco a pouco, a fazer de tudo na revista. Avaliei textos, elaborei pareceres, mantive contato com pareceristas, fiz revisão linguística, celebrei parcerias externas para dossiês especiais, organizei lançamentos das edições, digravei edições, integrei mesas-redondas em congressos para debates com editores de outras revistas de filosofia, fiz seleções de novos editores, participei da remodelação constante da dinâmica interna de trabalho e do site da revista, entre outras atividades da rotina editorial. Acho importante narrar esse aprendizado, pois pode estimular outros discentes a participar da equipe editorial. O trabalho na *Inquietude* propicia o aprendizado de saberes que são importantes para a construção de uma carreira acadêmica.

Arthur: Muito obrigado. Heitor, você poderia nos relatar um pouco da história da revista e quando as atividades do corpo editorial se iniciaram, assim como quais eram os objetivos iniciais com a inauguração do periódico?

Heitor: A revista foi fundada por alunos de filosofia da UFG, apoiados por dois professores: o Adriano Correia e a Carmelita Brito. Os alunos eram: Andressa Alves, Júlia Sebba, Marcela Castanheira, Pedro Labaig, Renato Mendes e Wigvan dos Santos. Peço desculpas se esqueci de mencionar alguém. Embora eu não tenha participado da fundação, sei que o ideal inicial foi simplesmente criar um espaço para publicação da produção filosófica discente. Na época, havia poucos periódicos voltados para esse público. A *Inquietude* é *duplamente* de estudantes, pois é ao mesmo tempo *gerida* por discentes e também voltada à publicação de produções filosóficas de alunos (tanto de graduação quanto de pós-graduação). É oportuno lembrar que uma parte do trabalho não é feita por estudantes: os pareceres. Isso significa que a revista conta com o apoio de acadêmicos mais experientes, doutores e

excepcionalmente doutorandos, para realizarem a avaliação do mérito científico dos manuscritos.

O objetivo inicial foi cumprido: a revista criou um espaço de visibilidade para o trabalho filosófico discente. Talvez não seja exagerado dizer que a *Inquietude* ocupava um lugar de “resistência” na academia brasileira, sendo um periódico que fugia dos padrões tradicionais que tendem a silenciar a obra intelectual discente na área da filosofia. Além disso, a revista publicava inclusive contos. Os planos da revista mudaram quando nós recebemos a notícia da avaliação da QUALIS com a nota B4 e, posteriormente, B3. Isso nos moveu, de certa forma, no sentido de uma inserção no terreno tradicional e competitivo de revistas científicas e, a partir daí, demos uma guinada nos nossos planos e começamos a pensar em coisas como impacto e indexação. Eu diria que foi neste período (entre 2013 e 2014) que a revista se “profissionalizou”, isto é, começou a participar mais intensamente do circuito competitivo dos periódicos científicos.

O sucesso da *Inquietude* começou a aumentar a sua visibilidade. Começamos a receber uma quantidade enorme de submissão de manuscritos, de convites para parcerias em dossiês e de pedidos de apoio por parte de outras revistas. Um destes casos foi o da *Pólemos*, revista dos estudantes de Filosofia da UnB, que nos procurou para darmos apoio à sua criação — que prontamente aceitamos — e fico feliz de ver que, hoje, a *Pólemos* também é uma revista muito bem-sucedida.

Arthur: Nesses dez anos de atividades editoriais, a *Inquietude* provavelmente passou por alguns momentos desafiadores. Você se lembra de alguns desses momentos?

Heitor: Como toda revista, já tivemos que lidar com situações de plágio — o que é algo muito delicado e também frustrante. Uma revista funciona como um *gatekeeper* da ciência, isto é, as revistas decidem o que se tornará e o que não se tornará “ciência” — ou, ao menos, ciência publicada nos meios tradicionalmente aceitos como *científicos*. Por isso, a responsabilidade de editores científicos é muito grande no que diz respeito à questão dos direitos autorais.

Outra dificuldade foi a perda do servidor que hospedava o site da revista e todos os arquivos dos materiais já publicados e em avaliação. Isso ocorreu há aproximadamente duas semanas antes do lançamento de uma edição, cujo evento já estava marcado na organização de um grande congresso. Tivemos que fazer um trabalho intenso de recuperação de todos os arquivos (foi um alívio conseguir recuperar tudo). A perda do servidor trouxe outra consequência: literalmente não tínhamos mais um site, então tive que fazer um novo às pressas, em menos de uma semana. Foi o maior problema que passamos até hoje, mas deu tudo certo e,

na verdade, o novo site e o novo sistema de conservação de arquivos (em nuvem) ficaram bem melhores e mais seguros em relação ao modelo anterior.

Eu diria que duas coisas são desafiadoras na rotina da editoração científica de revistas. A primeira é o grande fluxo de editores. Sendo uma revista de estudantes, majoritariamente de pós-graduação, os editores ficam por pouco tempo e saem após a conclusão do curso de mestrado e doutorado — ou mesmo antes disso. Então a revista precisa se renovar a todo momento e incluir novos colegas, na maioria das vezes sem experiência (como eu era e como quase todos são quando entram), então temos que fazer um esforço grande para sempre ensinar o trabalho para novos editores. A *Inquietude* acaba sendo uma escola editorial para os alunos de filosofia. A segunda é a dificuldade de desenvolver os trabalhos sem financiamento — o que é a realidade brasileira da maioria dos periódicos.

Arthur: Como deve ser de conhecimento geral, o trabalho editorial possui alguns desafios. Ao seu ver, quais seriam as principais dificuldades enfrentadas neste trabalho?

Heitor: As revistas brasileiras, especialmente aquelas editadas por universidades públicas, ainda não passaram por um processo de profissionalização — que já é realidade em alguns países. Por *profissionalização*, não me refiro ao grau de seriedade e comprometimento do trabalho realizado, mas às condições nas quais o trabalho é feito. É um desafio enorme conduzir uma revista sem financiamento, baseada em trabalho voluntário: essa é a realidade *em geral* das revistas brasileiras.

Pense em uma revista que recebe 40 submissões anuais. Estamos falando de aproximadamente 90 pareceristas diferentes (sendo que são dois por texto, mas em caso de empate, há um terceiro). Se dos 40 textos, 20 são aprovados, precisamos de revisores de língua portuguesa para os textos e de língua inglesa para os *abstracts* (podemos pensar em 5 revisores). No caso de textos em língua estrangeira, precisamos de revisores muito capacitados. Depois precisamos de um ou dois diagramadores, além de um profissional para criar e administrar o site. Um designer para cuidar da parte gráfica e artística. Além disso, temos os editores (podemos pensar em uma equipe bem enxuta com oito pessoas ao todo). Estamos falando de mais de 100 pessoas trabalhando em um ano, para entregar dois números da revista como resultado. Com pessoas fazendo serviço voluntário. Como essa revista conseguirá competir no mercado internacional, com revistas que são verdadeiras empresas, com contratações de pessoal, financiamento, bolsas e infraestrutura? Há revistas que remuneram até pareceristas e isso costuma ser um meio de conseguir pontualidade na entrega dos pareceres. As revistas

brasileiras, em geral, carecem de infraestrutura e financiamento para conduzir seus trabalhos e quando conseguem entregar um resultado positivo, como no caso da *Inquietude*, isso é fruto de um esforço hercúleo de gerir mais de cem pessoas voluntárias no decorrer de um ano para produzir dois números. Se queremos que a ciência brasileira tenha maior competitividade internacional e que as revistas brasileiras tenham maior “fator de impacto”, precisamos valorizar o trabalho de editoração científica feito no país, com financiamento e infraestrutura. As principais dificuldades deste trabalho decorrem desse contexto.

Arthur: Em geral os trabalhos em periódicos são vistos como atividades de extensão importantes na formação científica e na jornada acadêmica dos estudantes. Na sua opinião, que impacto têm os projetos de extensão, como os desenvolvidos pela *Inquietude*, na formação acadêmica dos estudantes?

Heitor: A revista *Inquietude* vem mostrando um papel fundamental na formação acadêmica dos estudantes nesses últimos dez anos. A participação na revista não é obrigatória, então o trabalho de um estudante no corpo editorial já se baseia em uma iniciativa e em um interesse próprios do discente. A editoração científica é parte da carreira acadêmica. Todos acadêmicos de carreira lidam com revistas: seja como autor, parecerista ou revisor. A *Inquietude* é uma espécie de laboratório no qual o discente conhece todos os meandros da editoração científica

de revistas. Essa visão *de dentro* capacita o acadêmico a lidar com mais facilidade com a questão da publicação científica. Conhecer o rigor do trabalho realizado nos bastidores de uma revista torna os discentes mais bem preparados para enfrentar o “mercado” das publicações científicas. Falo mercado, pois, direta ou indiretamente, esse ramo da editoração acadêmica

influencia na empregabilidade: o recrutamento para posições acadêmicas envolve a análise das publicações dos candidatos — esta é uma realidade internacional. Uma parte considerável dos discentes, de graduação e pós-graduação, que trabalharam na *Inquietude*, ocupam hoje posições permanentes de professor em universidades públicas — o que sinaliza o resultado positivo deste projeto na formação dos discentes.

Arthur: Um dos problemas inevitáveis que as Universidades enfrentam é a dificuldade de ultrapassar os muros que as cercam e levar os conhecimentos produzidos à comunidade em geral. Você acha que periódicos como a *Inquietude* auxiliam na modificação desse cenário? Considerando tanto uma resposta positiva quanto uma negativa, o que poderia ser feito para mudar?

Heitor: As revistas, especialmente aquelas *open access* e *online*, contribuem para a

democratização do conhecimento, no sentido de facilitarem o acesso a fontes bibliográficas, a difusão e a disseminação. Todavia, revistas científicas não são meios adequados para superar essa separação entre conhecimento especializado e conhecimento acessível à comunidade em geral. Revistas são meios de publicação extremamente especializados e voltados para os pares. Mesmo dentro de uma mesma “grande área”, nós não comunicamos para os “outros”: um historiador especializado em história da arte barroca e um filósofo especialista em idealismo alemão dificilmente entenderiam bem os textos um do outro. Mesmo dentro da filosofia, um doutor em lógica e um doutor em filosofia política não teriam facilidade para ler os artigos um do outro. Se pensarmos em uma pessoa acadêmica e outra não acadêmica, essa distância e separação são bem maiores.

Um aluno de mestrado ou doutorado é estimulado, pelo próprio sistema acadêmico, a escrever para especialistas, isto é, a cada vez mais se afastar do público em geral. A cada passo na carreira acadêmica, escrevemos para um público menor (e mais especializado). E as revistas científicas querem justamente esses textos especializados - as próprias revistas são também especializadas.

Trabalhos de extensão que se destinem a promover a comunicação, *em linguagem acessível ao público em geral*, da produção científica realizada dentro dos muros universitários podem ter um maior potencial para reduzir a altura desses muros do que, por exemplo, uma revista especializada.

Arthur: Heitor, já falamos um pouco sobre a história, os desafios e os impactos de periódicos no Brasil. Agora uma questão sobre o futuro: a filosofia, bem como as ciências humanas em geral, tem sofrido ataques sistemáticos, tanto do governo, que deveria zelar pela produção do saber, quanto pela população em geral. Você acredita que uma maior divulgação do trabalho de filósofos, a partir de uma maior visibilidade dos artigos produzidos, poderia amenizar um pouco este cenário alarmante?

Heitor: É um problema político. Os atos governamentais que impactam (e delimitam) o espaço que a ciência deve ocupar na sociedade são atos *políticos*. Esses atos podem ser problematizados filosoficamente. Podemos pensar, por exemplo, na questão da relação entre poder e conhecimento, entre Estado e ciência, entre liberdade e atividade científica. Todavia, o resultado do trabalho filosófico é *científico*, enquanto o âmbito de decisão sobre o papel das ciências humanas na sociedade é *político*. Trata-se, portanto, de uma disputa de prática política, que não se resolve com *papers* publicados. O espaço de mobilização política pode existir dentro do próprio conteúdo da atividade científica, mas publicações científicas nem sempre são cartilhas para tomadas de decisão política. Para participar dessa disputa pública, os cientistas

precisam ocupar os espaços institucionais de protagonismo democrático e tentar fazer suas vozes ecoarem para além dos muros universitários.

Penso que parte desse descrédito em relação à ciência é fruto da dificuldade que cientistas têm em comunicar seus trabalhos para a comunidade. É importante observar que a comunidade, em geral, não tem conhecimento sobre o que *todos* os profissionais fazem. Porém, essa “cobrança” é seletiva, não é feita a todas áreas, mas vem sendo feita em relação aos profissionais da ciência, especialmente no caso das ciências humanas. O que se costuma dizer é que esse tipo de investimento é inútil. Pesquisa em farmácia pode resultar em medicamentos. Pesquisa em tecnologia da informação pode resultar em sistemas digitais úteis para alguma prática. O resultado das ciências humanas não é mensurável na forma de produtos, muito menos produtos comercializáveis e de consumo. Mesmo assim, diversos problemas concretos e atuais da nossa civilização dependem das ciências humanas e especialmente da filosofia. Dou alguns exemplos. Como lidar com a *uberização* das relações de trabalho? Qual seria o modo justo de regulamentar a privacidade individual na era da tecnologia da informação? Qual é o impacto das redes sociais na democracia (*e-democracy*)? Como pensar a igualdade através das pautas das políticas identitárias? Como pensar a soberania do Estado-nação em um contexto de impactação ambiental que ultrapassa fronteiras nacionais? Esses exemplos de problemas “concretos e atuais” não são enfrentados pelas *hard sciences*, mas pelas ciências humanas.

O desafio das ciências humanas, além da disputa política em espaços institucionalmente legitimados para o embate democrático, é saber comunicar o conteúdo de sua atuação para um público não especializado, em uma linguagem acessível, de modo que as pessoas, em geral, tenham a oportunidade de conhecer a importância da atuação científica nessa área. Trata-se de um interesse prático de conscientização da opinião pública. É o desafio de fazer a filosofia e os profissionais desta área terem inserção social.

Arthur: Heitor, muito obrigado pela disponibilidade e atenção com que tratou as questões. Além disso, muito obrigado por esses quase dez anos de trabalhos intensos junto ao periódico. Não há dúvidas de que você exerceu uma função importante na produção do saber filosófico brasileiro. Novamente, em nome de todo o corpo editorial, meus sinceros agradecimentos. Deixamos, assim, registrado esse momento especial da revista e que os próximos dez anos continuem sendo ativos como foram esses dez anos que se passaram. Parabéns à *Revista Inquietude* e a todos e todas que estiveram trabalhando na manutenção e expansão desse bonito projeto.

Antes de finalizarmos nossa entrevista, gostaríamos de agradecer em primeiro lugar aos

senhores leitores e leitoras que sempre estiveram conosco lendo as produções publicadas. Em segundo lugar um agradecimento às autoras e aos autores que escolheram a revista para realizarem, talvez a primeira publicação de sua jornada acadêmica. Um agradecimento também às pareceristas e aos pareceristas que sempre se dispuseram a contribuir com a validação epistêmicas das produções submetidas. Um agradecimento aos professores que estiveram na frente do projeto, além de um agradecimento especial ao Prof. Dr. Renato Moscateli pelo carinho, zelo e atenção no direcionamento das atividades. Um agradecimento a toda a equipe editorial da revista que sempre se manteve atuante mesmo em momentos em que a credibilidade acadêmica, bem como os recursos direcionados à formação educacional no país foram e são ameaçados. Agradecemos também à Faculdade de Filosofia por todo apoio e incentivo na manutenção do periódico, bem como à Universidade Federal de Goiás, onde todo o trabalho editorial é exercido